



Comunicação e Sustentabilidade na Amazônia¹

Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES²

Grace Soares COSTA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

Tendo em vista que as ações de comunicação são estratégicas na criação e implementação de projetos sustentáveis envolvendo populações tradicionais na Amazônia, este artigo traz parte dos resultados de uma pesquisa focada no processo de recepção e mediação do discurso conservacionista na comunidade de São Raimundo do Jarauá, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, referentes a identificação dos canais de comunicação mais eficientes utilizados para difundir o ideário conservacionista junto aos moradores.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; canais de comunicação; populações tradicionais; reservas de desenvolvimento sustentável.

1. Comunicação e Sustentabilidade:

Um dos maiores problemas, se não o maior, a ser enfrentando pela sociedade reside na busca da conciliação da preservação do meio ambiente e a sustentabilidade das comunidades tradicionais. Para fazer frente a essa tarefa, organizações governamentais e não-governamentais têm investido tempo e dinheiro na busca de um modelo de desenvolvimento realmente sustentável para os “povos da floresta”. No âmbito do poder público brasileiro, uma das respostas dadas às pressões nacionais e internacionais dos movimentos ambientalistas, iniciados nos anos 80, foi a criação de unidades de conservação com objetivo de preservar a biodiversidade de áreas consideradas de relevante interesse ecológico.

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação Espaço e Cidadania do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

² Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Ufam, doutorando na mesma área e professor do Departamento de Comunicação Social da Ufam, email: allan_soljenitsin@yahoo.com.br..

³ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Ufam, professora do Curso de Comunicação Social das Faculdades Martha Falcão, email: gracesoares@yahoo.com.br



Na virada dos anos 80 para os 90, houve uma mudança nos paradigmas do conservacionismo internacional e a idéia de preservação da biodiversidade em unidades de conservação passou a comportar também a participação das populações tradicionais. Dentro deste contexto, surgiram no Brasil as Reservas Extrativistas (Resex), no âmbito federal, e as Reservas de Desenvolvimento Sustentável, no âmbito estadual. A criação das Resex's e RDS's também foi fruto de pressões vindas da comunidade científica, dos ambientalistas (adeptos ao novo paradigma conservacionista e dos movimentos sociais que representavam grupos como os seringueiros, no Acre, e as populações tradicionais da várzea amazônica, no Amazonas). Uma vez criadas, as unidades de conservação de uso sustentável tornaram-se experiências piloto de como proteger o meio ambiente e ao mesmo tempo proporcionar melhor qualidade de vida para as populações residentes nas reservas.

Desde o início os órgãos e entidades gestoras das Resex's e RDS's sabiam que uma das premissas para o sucesso na implementação das reservas seria a participação comunitária. Se acaso os moradores dos assentamentos não adotassem práticas compatíveis com a idéia do desenvolvimento sustentável e, por conseqüência, ficassem alheios a todas as mudanças comportamentais necessárias no estabelecimento de processos sustentáveis de usos dos recursos naturais, os projetos de implementação estariam fadados ao fracasso. Por isso, em várias unidades de conservação os gestores apostaram na comunicação como uma poderosa aliada no processo de “disseminação” das idéias conservacionistas norteadoras dos projetos das Resex's e RDS's.

Tendo em vista o modelo de JAUSS (1989), onde os receptores de uma mensagem não são considerados somente depositários de informações, mas também seres capazes de transformar significados levando em considerações fatores sócio-econômicos e culturais. Admite-se que há um conjunto de mediações⁴ interferindo na construção do espaço-tempo do discurso conservacionista voltado para os comunitários. Mediações essas presentes no cotidiano dos receptores (moradores). Este artigo resume alguns os resultados obtidos em relação à identificação dos principais canais de comunicação criados pelo IDSM para difundir o ideário conservacionista junto aos moradores da reserva. Os dados fazem parte da dissertação de mestrado “Comunicação e Sustentabilidade: as mediações do discurso conservacionista em São Raimundo do

⁴ Mediação é um conjunto de influências provenientes tanto da mente do sujeito como de seu contexto sociocultural – incluindo as intervenções dos agentes sociais e das instituições – que estruturam o processo do conhecimento, OROZCO-GÓMEZ (1991).



Jarauá”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA) e cujo objeto de pesquisa foi delimitado no âmbito da identificação e análise das mediações do discurso conservacionista em uma comunidade caboclo-ribeirinha⁵ situada na RDS Mamirauá⁶.

Levando em consideração o que diz MARTÍN-BARBERO (1997), que as mediações também são possibilitadoras de mudanças que interferem nos processos sociais, a pesquisa tratou de investigar as mediações do discurso conservacionista feitas por moradores da reserva para aproximar-se dos motivos do sucesso da adoção de práticas sustentáveis em algumas comunidades da RDS Mamirauá. A comunidade escolhida para sediar a pesquisa foi São Raimundo do Jarauá, situada na RDS Mamirauá.

A pesquisa desenvolvida partiu dos estudos da recepção do discurso conservacionista levando em conta as mediações das práticas culturais e cotidianas dos indivíduos tendo como linha teórica os postulados dos Estudos Culturais⁷ e da Teoria da Recepção⁸. Portanto, as práticas de recepção foram analisadas tendo como pano de fundo o discurso conservacionista difundido pelos extensionistas do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá⁹ (IDSM) e as práticas de vida dos moradores da comunidade de São Raimundo do Jarauá, agentes com os quais o referido trabalho estabeleceu relações por meio de pesquisa empírica.

2. Os canais de comunicação utilizados em Mamirauá

A pesquisa empírica revelou que os gestores da reserva utilizaram basicamente três principais canais de comunicação com os moradores da comunidade: o programa de rádio “Ligado no Mamirauá”; o jornal comunitário “O Macaqueiro”; e as conversas entre extensionistas e comunitários em grupo ou individualmente. Este artigo tem como objetivo descrever, ainda que de forma sucinta, cada um destes canais e demonstrar, com base nos dados coletados em campo, qual deles destaca-se em relação aos outros

⁵ Esta pesquisa adota a definição de populações caboclo-ribeirinhas de FRAXE (2004).

⁶ A RDS Mamirauá está localizada na confluência dos rios Solimões, Japurá e Auati-Paraná, a 450 km de Manaus. Foi criada pelo decreto estadual nº 12.836 de 9 de março de 1990 e possui uma área de 1.124.000 hectares.

⁷ Segundo JOHNSON (2000), os Estudos Culturais compreendem uma área de investigação e intervenção que toma como objeto qualquer artefato que possa ser considerado cultural sem fazer distinção entre ‘baixa’ e ‘alta cultura’.

⁸ Os teóricos da Teoria da Recepção consideram os receptores das mensagens mais do que apenas depositários de informações, mas sim seres capazes de reformular conceitos baseados em fatores individuais (cultura, posição social etc), JAUSS (1989).

⁹ O IDSM é responsável pela gestão da RDS Mamirauá.



canais na difusão dos conteúdos conservacionistas. Embora o foco da pesquisa seja o receptor (moradores) e não emissor (IDSM), tal mapeamento faz-se necessário para o melhor entendimento de como o processo de comunicação deu-se entre o IDSM e os comunitários.

Apesar da fama nacional e internacional da reserva, o IDSM e, conseqüentemente a RDS Mamirauá, não possuem uma estratégia de comunicação definida ou um setor específico para esta área dentro de sua estrutura organizacional. A preocupação com a comunicação aparece apenas como uma das linhas de ação do programa de Qualidade de Vida¹⁰ do IDSM, cuja função principal desde a criação da reserva tem sido cuidar do programa de rádio “Ligado no Mamirauá”. O fluxo de informativo interno (cartilhas, jornais comunitários e programa de rádio) e externo (folders, livros, site na internet, contatos com a mídia e outros) acontece de forma desarticulada e é fruto de ações pontuais de pesquisadores, extensionistas e dirigentes do IDSM:

A imagem que a RDS Mamirauá tem na sociedade decorre dos trabalhos consistentes desenvolvidos aqui, por isso a mídia se interessa. Quem começou isso foi o Márcio Ayres, que participava de organizações transnacionais de defesa do meio ambiente, como a WCS, que trabalham muito com a mídia. Então, essas ong's passaram a divulgar os trabalhos dele na Amazônia. Se você fizer uma pesquisa, vai perceber que Mamirauá é muito mais conhecida fora do Brasil que dentro. E como os brasileiros dão valor a todo que vem de fora, a reserva atraiu a atenção da imprensa brasileira. Hoje as coisas são divulgadas praticamente da mesma forma, ou seja, através dos contatos dos pesquisadores com redes de TV como a CNN e Globo. Não existe uma estratégia. Nós estamos desenvolvendo agora um trabalho com a Ufam, através de dois professores de comunicação, sobre os esforços de comunicação para a reserva. Juntos, nós chegamos a conclusão que o IDSM precisa seguir três linhas de atuação: uma comunicação comunitária, envolvendo os comunitários e o próprio IDSM;), uma comunicação interna, entre os pesquisadores, extensionistas e a direção do Instituto; e uma comunicação externa voltada para os financiadores, governos e afins (Thiago Antônio Souza Figueiredo, Consultor de Comunicação do IDSM, 30/11/2004).

¹⁰ O programa Qualidade de Vida do IDSM está subordinado à Diretoria das [Alternativas Econômicas](#) e integrado à Coordenação da Organização Política e Sócio-Econômica (COPSE). As ações deste programa se propõem a assegurar melhores formas de adaptabilidade humana aos ecossistemas da RDS Mamirauá e RDS Amanã e contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo sobre o uso sustentado dos recursos naturais e para o fortalecimento de ações vinculadas às políticas públicas de desenvolvimento sustentável. Para alcançar seus objetivos o programa está estruturado em cinco linhas de ação: Educação Ambiental, Educação para Ciência, Saúde Comunitária, Tecnologias Apropriadas e Comunicação.



Em decorrência do foco da linha de ação em comunicação estar voltada basicamente para o programa “Ligado no Mamirauá”, a infra-estrutura e os recursos humanos disponíveis são restritos. Duas pessoas, uma com formação na área e outra não, são contratadas pelo IDSM para atuarem especificamente na comunicação voltada para os moradores da reserva. Ambas têm como missão principal levar ao ar o programa de rádio “Ligado no Mamirauá”.

Nós temos um estúdio de rádio bem defasado comprado há dez anos atrás e um computador ligado à internet. Nós estamos tentando conseguir gravar o programa em meio digital e procurar digitalizar o arquivo do IDSM. Em recursos humanos temos: eu, formado em publicidade e propaganda, e mais uma pessoa apenas sem formação na área que apresenta o programa de rádio (Thiago Antônio Souza Figueiredo, Consultor de Comunicação do IDSM, 30/11/2004).

O programa “Ligado no Mamirauá¹¹” foi ao ar pela primeira vez na Rádio Educação Rural de Tefé (AM) em 23 novembro de 1993. O programa tem meia hora de duração e é apresentado sempre as terças e quintas às 19h30. O primeiro apresentador foi o radialista Divino Azevedo, escolhido por já possuir experiência radiofônica e ter grande interlocução com os moradores da reserva pelo motivo de ter participado de atividades comunitárias ligadas a Igreja Católica. O “Ligado no Mamirauá” surgiu em meio aos primeiros esforços de implementação efetiva da reserva, por isso as principais informações transmitidas diziam respeito a divulgação de reuniões com os comunitários, divulgação de interesse dos moradores, funcionamento da reserva, pesquisas, decisões tomadas em assembleias e entrevistas com pesquisadores e gestores da RDS sobre ecoturismo, educação ambiental, dicas de saúde. A execução de músicas, a maioria de compositores regionais, também faz parte da programação.

O primeiro levantamento¹² sobre a audiência do programa só foi realizado em 2005 pelo IDSM, portanto, não existem dados consistentes sobre a abrangência do “Ligado no Mamirauá” nos 12 anos anteriores. Os relatos dos atuais funcionários do Instituto responsáveis pelo programa dão conta de uma grande audiência, atribuída, em

¹¹ A pesquisa de campo incluiu a decupação de seis fitas contendo cópias dos programas levados ao ar nas seguintes datas: 23/11/1993, 28/11/1993, 10/02/1998, 12/02/1998, 11/11/2004 e 16/11/2004. O script do programa levado ao ar no dia 28/11/1993 encontra-se no anexo 02.

¹² FIGUEIREDO, Thiago Antônio de Sousa; MOURA, Edila Arnaud Ferreira; NASCIMENTO, Ana Claudeise; NILSONETTE, Marco Lopes. Comunicação Comunitária. In: Seminário Anual de Pesquisa (SAP), 2, Tefé. **Anais**. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2005.



parte, ao carisma de Divino Azevedo, que participava das atividades de mobilização comunitária da Prelazia de Tefé antes de dar início aos trabalhos no rádio. Mesmo sem referencial estatístico, os gestores da reserva acreditam que houve uma grande diminuição na audiência devido a saída de Divino e a chegada de outro meio de comunicação nas casas dos moradores da reserva: a televisão.

Os dados coletados pelo IDSM servem de apoio às considerações dos atuais responsáveis pela veiculação do programa. Segundo o levantamento, 67% dos moradores da reserva que disseram ouvir o programa têm entre 51 a 60 anos de idades, enquanto apenas 42% são jovens entre 16 e 21 anos. Para os produtores do “Ligado no Mamirauá”, esses números indicam o envelhecimento da audiência e a falta de renovação de ouvintes. No caso específico da São Raimundo do Jarauá¹³, 85% dos entrevistados nesta pesquisa declararam não ouvir o programa e apenas 20% citaram o rádio como um dos veículos de comunicação utilizados para obter informações a cerca do que acontece fora da reserva.

Tabela 1

Canais de comunicação utilizados pelos moradores de S.R. do Jarauá para se manterem informados

Resposta	QTY	%
Jornais impressos	0	0
Revistas semanais	0	0
Rádio	5	25
Televisão	20	100
Reuniões da comunidade	1	5

Tabela 2

Audiência do programa Ligado no Mamirauá em S.R. do Jarauá

Resposta	QTY	%
Ouve	3	15
Não ouve	17	85

Por outro lado, de acordo com o IDSM, o número de televisores nas residências saltou de 1%, em 1991, para 33% em 2005. Em S.R. do Jarauá, a pesquisa de campo revelou que 95% dos moradores têm acesso a televisão e que 100% deles apontam o

¹³ O roteiro de entrevista desta pesquisa incluía perguntas sobre quais veículos de comunicação utilizados pelo IDSM (programa de rádio, jornal comunitário e extensionismo) eram mais eficazes e prestigiados pelos comunitários, bem como quais os programas prediletos dos moradores.



veículo como principal maneira de se manter informado. O programa de TV mais assistido em Jarauá é o “Jornal Nacional”, veiculado pela Rede Globo de Televisão de segunda a sábado de 19h30 às 20h. De acordo com os depoimentos dos comunitários, na medida em que eles foram tendo acesso aos televisores deixaram de ouvir o “Ligado no Mamirauá” para assistir o telejornal, visto que os dois programas vão ao ar no mesmo horário. A preferência pela informação televisiva parece também ter contribuído para a obsolescência dos aparelhos de rádio. De acordo com o levantamento feito pelo IDSM, 58% dos moradores da área focal da RDSM não possuem rádio o número de televisores vem aumentando anos após ano (na área subsidiária a TV é predominante).

Tabela 3

Programas de TV preferidos pelos moradores de S.R. do Jarauá

Programa	QTY	%
Novelas da Globo	4	20
Jornal Nacional	19	95
Não tem TV	1	5
Jogos de Futebol	5	25
Outros	1	5

Os dados coletados nesta pesquisa e aqueles levantados pelo IDSM indicam que o rádio deixou de ser o principal veículo de comunicação de massa na várzea de Mamirauá. O rádio ainda sobrevive como fonte de informações locais, como o envio avisos de pessoas que estão nas sedes municipais aos parentes e amigos nas comunidades, ou como “caixa de música¹⁴”.

Outro canal de comunicação utilizado pelo IDSM para difundir o conservacionismo entre os comunitários de S.R. Jarauá foi o jornal comunitário “O macaqueiro”. Publicado a primeira vez em abril de 1999, o informativo produzido pelo IDSM era continua sendo de periodicidade trimestral, tinha tamanho A4, usava papel offset, a tiragem chegava a dois mil exemplares e possuía quatro páginas. A equipe pioneira de produção do jornal era composta por Andréa Pires (extensionista), Marise Reis (extensionista), Divino Azevedo (extensionista), Edila Moura (pesquisadora) e

¹⁴ Dados da pesquisa do IDSM mostram que 82% das pessoas que dizem ouvir rádio o fazem com interesse de escutar avisos. Em segundo e terceiro lugar na preferência dos ouvintes estão as músicas e notícias sobre as comunidades situadas na reserva.



Ronnei Costa (radialista). O expediente trazia como jornalista responsável a paraense Jimena Beltrão, todavia ela não assina nenhum dos textos. Embora o IDSM não mantenha um arquivo com todas as edições do “Macaqueiro”, foi possível encontrar alguns exemplares no arquivo pessoal de alguns funcionários e ex-funcionários do IDSM. O primeiro número, no entanto, não foi localizado.

Ao longo dos seus sete anos de existência, “O macaqueiro” passou por várias mudanças em seu projeto gráfico e editorial, que, de acordo com os próprios responsáveis por sua publicação, acabaram tirando seu foco comunitário. Uma análise dos exemplares¹⁵ coletados durante a pesquisa documental mostrou que no primeiro ano de circulação o jornal trazia em média nove matérias sobre as atividades de extensão desenvolvidas nas comunidades, os resultados das assembléias gerais, cartas de leitores e as alternativas econômicas como o manejo de pesca e de madeira e o ecoturismo. A partir da nona edição, em 2001, o formato A4 foi mantido, todas as páginas passaram a ser impressas em cores e o papel utilizado passou a ser o couchet. A produção dos textos continuou a cargo de extensionistas e pesquisadores, ou seja, sem nenhum profissional de jornalismo envolvido no processo editorial. Um ano depois “O Macaqueiro” ganhou um novo projeto gráfico e editorial, que vigora até hoje, com menos textos (seis em média) e com fotografias maiores e melhor produzidas.

O jornal “O Macaqueiro”, foi criado com a mesma proposta do programa de rádio, ou seja, com o foco de atingir os comunitários. Só que o IDSM foi melhorando o jornal, porque ele precisava mandar também para os financiadores, e ele acabou perdendo o foco comunitário dele. Hoje se você vê o layout do jornal, você percebe que ele está voltado para o público externo, ou seja, pesquisadores, financiadores e órgãos federais. Quem produz os conteúdos são os pesquisadores, não existe participação dos comunitários (Thiago Antônio Souza Figueiredo, Consultor de Comunicação do IDSM, 30/11/2004).

Além da concorrência da televisão, a eficiência do jornal como difusor do discurso conservacionista foi prejudicada pela pouca escolaridade dos moradores da reserva. Segundo MOURA (2004), do total da população da reserva com idade superior a 15 anos 38% era analfabeta em 1996. Este número reduziu para 31% em 2001.

No entanto, considerando-se a população com mais de 10 anos de idade, 55% não sabe ler ou lê com dificuldade. Em Jarauá, cerca de 70% dos moradores estudaram

¹⁵ Para efeito de análise do jornal “O macaqueiro”, esta pesquisa levou em consideração os conteúdos publicados nas seguintes edições: 2ª, 3ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª, 14ª, 15ª, 16ª e 17ª. As referidas edições foram publicadas entre os anos de 1999 e 2003.



apenas até a 4ª série do Ensino Fundamental. O nível educacional baixo limitou tanto o número de leitores de “O Macaqueiro” quanto à publicação de textos produzidos pelos próprios comunitários. As entrevistas e formulários aplicados em Jarauá demonstram que 65% dos pesquisados não lê o informativo do IDSM.

Tabela 4

Escolaridade dos moradores de S.R. do Jarauá

Resposta	QTY	%
1a a 4ª	14	70
5a a 8ª	3	15
Médio incompleto	1	5
Médio completo	2	10
Superior incompleto	0	0
Superior completo	0	0
Pós-grad incompleto	0	0
Pós-grad completo	0	0

Tabela 5

Moradores que lêem o jornal “O Macaqueiro” em S.R. do Jarauá

Resposta	QTY	%
Leitores	7	35
Não leitores	13	65

Os dados expostos até o momento sobre “O macaqueiro”, indicam que o acesso à televisão e as dificuldades para ler e escrever (fatores ligados também a falta do hábito da leitura) limitou bastante o poder de difusão do discurso conservacionista pelo jornal. Na verdade, o informativo hoje serve mais como uma espécie de *house organ* do IDSM do que propriamente um veículo de comunicação comunitária. Seus leitores são os próprios funcionários, extensionistas e pesquisadores do Instituto, bem como membros de instituições financiadoras ou parceiras do projeto.

O último e mais eficiente canal de difusão do conservacionismo do IDSM é o extensionismo. Pode-se afirmar que a implantação da RDSM deve-se ao trabalho de extensão desenvolvido nas comunidades da RDSM por pesquisadores e extensionistas do IDSM:

Graças ao trabalho de extensão, coordenado inicialmente por Déborah Lima, aos poucos as idéias trazidas pelo projeto e a própria criação da reserva foram sendo aceitas, de certa forma, “enraizando-



se” localmente. Um fator que acelerou o processo de aceitação da reserva pelas comunidades foi a manutenção das bases pré-existentes da organização comunitária, resultado do trabalho do MEB (Movimento de Educação de Base), ligado à Prelazia (INOUE, 2003, p.279).

O relato de INOUE (2003) registra a importante participação dos líderes comunitários formados pelo MEB nas décadas de 60 e 70 na várzea de Mamirauá. Conforme descrito no primeiro capítulo desta pesquisa, a organização comunitária da RDSM herdou os parâmetros estabelecidos anteriormente pela Igreja Católica juntamente com as lideranças comunitárias que esta ajudou a formar. A própria divisão geopolítica da Área Focal da reserva já havia sido discutida e traçada antes da chegada de Márcio Ayres na região. A subdivisão do território em setores, a definição de coordenadores para cada um deles e as eleições de presidentes de comunidades tinham sido pactuadas e vinham sendo implementadas. O discurso da preservação dos recursos naturais também estava presente desde 1979, difundido pelo Movimento de Preservação de Lagos (MPL), liderado pelo missionário da Prelazia de Tefé Irmão Falco.

O grande mérito do IDSM foi perceber a contribuição que os líderes comunitários e extensionistas formados pelo MEB e MPL poderiam dar para a implementação da reserva:

Por meio de Déborah Lima e da equipe de extensão, estabeleceram-se relações com líderes comunitários como “seu” Afonso e “seu” Antônio Martins, envolvidos nos trabalhos da Igreja Católica, ligados ao MEB e ao movimento de preservação de lagos da Prelazia de Tefé. O papel destas pessoas do local tem sido praticamente “invisível”. Não existe sobre elas muitos papers acadêmicos, entrevistas na TV, artigos em revistas (INOUE, 2003, p.279).

O trabalho de extensão envolvendo as pessoas do local, que já tinham formação e liderança comunitária (MEB) e uma “causa” ambientalista (MPL), foi determinante na difusão do discurso conservacionista e, conseqüentemente, na aceitação a reserva pelos moradores da região. Líderes comunitários como Antônio Martins, que presidiu a comunidade de Jarauá por diversas vezes, foram contratados como extensionistas do IDSM. “Segundo os mesmos, eles acreditavam nas idéias do projeto, que trazia uma proposta ‘parecida’ a do MPL e que defendia uma ‘causa’ na qual já estavam envolvidos” (INOUE, 2003, p.280). Outros moradores com liderança nas respectivas comunidades foram incorporados ao Projeto Mamirauá, e juntamente com os pesquisadores passaram a difundir o ideário conservacionista de uma unidade de



conservação de desenvolvimento sustentável com a presença das populações caboclo-ribeirinhas. A extensão foi o principal canal de comunicação entre o IDSM e os moradores. A parceria das comunidades residentes em programas de educação ambiental e manejo dos recursos naturais (pesca, extração madeireira e agricultura) foi pouco a pouco sendo conseguida através de reuniões nas comunidades e conversas demoradas nas varandas das casas e flutuantes.

No Jarauá existia de dois em dois meses uma reunião do setor para tratar de vários assuntos da reserva, entre eles a pesca. Esses encontros se estendiam até por dois ou mais dias dependendo dos pontos de pauta. Nós sempre participávamos dessas reuniões e falávamos do manejo, mas nós também fazíamos o “corpo-a-corpo”, ou seja, íamos de casa em casa batendo papo com as pessoas. Certas pessoas do grupo não tinham essa facilidade de chegar às pessoas e realmente saber por que ela não tava aderindo, mas eu tinha essa facilidade. Às vezes essas pessoas não queriam se expor nas reuniões e nós procurávamos falar individualmente com elas e mostrar a elas as vantagens e os resultados positivos (Gelson da Silva Batista, extensionista do programa de manejo de pesca do IDSM, 14/04/2005).

3. Considerações finais

A estratégia do “corpo a corpo” obteve resultados melhores em relação ao programa de rádio e ao jornal comunitário. Os moradores entrevistados para esta pesquisa em Jarauá apontaram os extensionistas como a principal fonte de informações sobre conservação dos recursos naturais, ou seja, referentes ao manejo do pescado, educação ambiental e organização comunitária (ver tabelas abaixo).

Tabela 6

Conteúdos assimilados através do programa “Ligado no Mamirauá”

Conteúdos	QTY	%
Manejo de pesca	0	0
Não lembra	2	10
Não ouve	15	75
Atividades comunitárias	2	10
Preservação	1	5

Tabela 7

Conteúdos assimilados através do jornal “O macaqueiro”

Conteúdos	QTY	%
-----------	-----	---



Manejo de pesca	0	0
Não lembra	4	20
Nada	2	10
Notícias sobre atividades das comunidades	5	25
Não lê	10	50

Tabela 8

Conteúdos assimilados através de encontros com extensionistas

Conteúdos	QTY	%
Manejo de pesca	8	40
Organização comunitária	1	5
Preservação do meio ambiente	6	30
Não respondeu	4	20
Nada	2	10

Atualmente, os extensionistas do IDSM atuam nos programas de ecoturismo, manejo florestal comunitário, manejo de pesca, gestão comunitária e qualidade de vida. Cada programa atua nas áreas de monitoramento, pesquisa e extensão. A seleção dos extensionistas é feita pelos coordenadores dos programas nas comunidades e através de editais de seleção divulgados na internet (técnicos são contratados para atuarem na orientação e coordenação dos trabalhos desenvolvidos pelos extensionistas locais). A formação de equipes contendo técnicos e lideranças locais foi importante para diminuir a resistência de alguns moradores às mudanças na forma de explorar os recursos naturais:

No início era pauleira mesmo, contavam histórias de que tinham comunidades em que as pessoas não deixavam nem o barco do IDSM encostar no porto. Não deixavam os extensionistas falar com ninguém na comunidade. Hoje o diálogo é bom, mas isso graças ao trabalho de pessoas como o Sr. Antônio Martins, ex-presidente da comunidade de Jarauá, que acreditaram no projeto Nós precisávamos de pessoas como Sr. Antônio nas comunidades para poder validar o nosso discurso junto aos comunitários. As pessoas nas comunidades tendem a acreditar nas suas lideranças, e se elas acreditam no projeto fica mais fácil. Foi o que aconteceu no Jarauá com Sr. Antônio, que infelizmente morreu, mas veio outra liderança e deu continuidade (Guilherme Moisés Estupinan, Coordenador do Programa de Manejo de pesca do IDSM, 27/07/2005).



REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Thiago Antônio de Sousa; MOURA, Edila Arnaud Ferreira; NASCIMENTO, Ana Claudeise; NILSONETTE, Marco Lopes. Comunicação Comunitária. In: Seminário Anual de Pesquisa (SAP), 2, Tefé. **Anais**. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2005.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto (2004). **Cultura caboclo-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume.

INOUE, Cristina Yumie Aoki. **Construção do conceito de regime global de biodiversidade e estudo do caso Mamirauá**. O papel da comunidade epistêmica da biologia da conservação em experiências locais que visam conciliar conservação da biodiversidade e desenvolvimento sustentável. UnB. Tese de Doutorado (Centro de Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília, 2003.

JAUSS, Hans Robert (1989). “La Ifigenia de Goethe y la de Racine”. In: WARNING, Rainer (org). **Estética de la recepción**. Colección La Balsa de le Medeive, 31. Tradução: Ricardo Sanchez Ortiz. Madri: Visor.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?**In: Silva, Tomaz Tadeu da. O que é, afinal, estudos culturais? Belo Horizonte, Ática/DP&A, 2000, p.9.

MARTÍN-BARBERO, Jesus (1997). **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro, UFRJ.

MOURA, E. A. F (2004). **Indicadores de qualidade de vida nas duas Reservas de Desenvolvimento Sustentável**. In: Simpósio Interno de Monitoramento - SIM, 2º, Tefé, 2004. Apresentação de palestra. Tefé: IDSM-OS/MCT.